

A estagiária e o (ex?) Presidente

Todos conhecem pelo menos um estagiário. São aqueles jovens que se caracterizam pelo esforço, pela vontade de crescer, mas também pela inexperiência. Ao se deparar com uma tarefa complexa, é natural que eles recorram aos seus superiores mais experientes. **Foi exatamente o que fez nossa presidente Dilma Rousseff no mês de maio.**

Tudo começou com o ministro da Casa Civil, **Antonio Palocci, na constrangedora situação de ter que explicar como seu patrimônio multiplicou-se por 20 em apenas 4 anos.**

Nesse ínterim, o governo amargou uma derrota acachapante na votação do Código Florestal na Câmara, a despeito de ter a maioria. Pelo visto, uma maioria teórica. A presidente foi pressionada pelo Deputado Garotinho e voltou atrás na questão do kit anti-homofobia, que, na prática, era uma propaganda gay destinada a crianças de 11 anos. E nossa presidenta passou o mês completamente acuada, tendo que chamar para Brasília o ex-presidente Lula para desempenhar as tarefas mais complexas. **Com isso, pela primeira vez na história da República, um presidente desempenha o papel de estagiário(a) de um ex-presidente.** Isto parece uma aberração, e é. Como fomos parar nesta situação? Como se erode o capital político de um presidente em apenas 5 meses? **Como o jogo político será afetado daqui para diante?**

Dilma enfrenta dois grandes problemas. O primeiro é a "herança maldita" do governo Lula que só agora começa a aparecer, tal qual uma bomba de efeito retardado. E o segundo é sua própria inércia em atacar os problemas quando eles surgem.

Dilma herda um país com inflação alta (6,5% é um número alto para padrões civilizados), uma política macroeconômica incapaz de lidar com esse superaquecimento induzido (dentre outras coisas por uma política fiscal gastadora). Dilma herda um país onde o MEC, que deveria se preocupar com a competitividade educacional está usando o seu tempo para produzir uma gramática que defende o erro no português e um kit-gay absurdo. Dilma herda um país com sérios gargalos de infra-estrutura e sua resposta a isso, o famigerado PAC, nada mais é que um plano de marketing vazio. Dilma herda um país, que pelo andar da carruagem, irá passar vergonha com os compromissos assumidos para a Copa de 2014 e para as Olimpíadas de 2016. **Dilma herda um país que não fez as reformas estruturais e que lida com uma carga fiscal sufocante de 40% do PIB e que entrega serviços públicos que deixariam os governantes da Somália envergonhados.** E quem já teve um carro velho na vida bem sabe que quando você força muito o motor de uma Brasília este motor irá superaquecer. É exatamente isso que

ocorre conosco, e **a inflação é o primeiro sinal de superaquecimento de motor.**

No começo de seu mandato, o estilo "silencioso" da presidente Dilma foi até saudado pelas pessoas já cansadas do estilo "fanfarrão" do (ex ou atual?) presidente Lula. O silêncio engana, pois pode ser tanto besta como bestial. O tempo passou e quando as primeiras crises apareceram, a presidente continuou no seu mutismo e não liderou um processo que caberia a ela liderar. **Hoje, no Palácio do Planalto não há nem uma brilhante articuladora política (como Lula sempre foi) nem uma "gerentona" eficiente que toca obras e projetos com rapidez e baixo custo.**

Como na vida e, muito menos na política, não existe o vazio, o PMDB já correu para ocupar os espaços que, mui gentilmente, Dilma deixou. Lula, é claro, também já correu para Brasília. O que se apresenta é um governo que já começa natimorto com uma disputa pelos despojos. Num cenário desses, será que se pode contar com reformas, crescimento econômico, baixa inflação, obras, etc.? **Espero que estejamos errados, mas o governo Dilma em muito me lembra o governo Sarney. Fraco, omisso e tutelado por interesses fragmentados.**



Os mercados não são bobos. Embora não façam passeata, eles expressam a sua visão no preço dos ativos. Não é a toa que a bolsa brasileira vive um dos piores desempenhos entre os seus pares em 2011. **Cabe ressaltar que a bolsa nos 60 mil pontos parece barata pelos fundamentos das empresas, mas quando olhamos para frente, não vemos governança (Petrobras, Vale), não vemos crescimento sustentado e não vemos juros baixos. Assim como falamos desde o começo do ano, nossa visão é de uma bolsa oscilando entre 60 e 70 mil pontos e perdendo de longe para o CDI.** Para quem deseja ativos de risco vemos mais chance de ganhos nas *commodities* e nas bolsas americana e alemã.

Na renda fixa, os próximos dois meses são de sazonalmente inflação reduzida, mas discordamos da idéia do governo e de alguns agentes do mercado que ela será zero em junho e julho. **Vai chegar um momento em que o Banco Central jogará a toalha e terá que aumentar agressivamente os juros, especialmente no segundo semestre e no começo de 2012, onde já temos um aumento de 14% contratado para o salário mínimo.** Continuamos favorecendo ativos atrelados à inflação como proteção do poder de compra.

No cenário externo, as tendências continuam: o dólar fraco, a busca de valor em moedas de países produtores de *commodities*, a valorização das matérias primas básicas. Já se começa a falar se o FED não terá que prorrogar o programa de compra de títulos públicos (QE3) que tanto inundou o mercado com dinheiro barato. **Ao que tudo indica a festa continua lá fora e, aqui dentro, caminhamos para uma ressaca daquelas.**